

# A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, DR. DAVID DE OLIVEIRA

N.º 48 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua de Francisco Aguiar, 4

Guimarães, 15 de Dezembro de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - FAFE

## Os do pacto

Vai cada vez mais acesa a luta no campo monárquico, entre as facções do famoso pacto de Paris.

Com aquela sanha de valentões que não podem com uma gata pelo rabo, os realistas atacam-se, insultam-se, como se o ódio mais profundo os dividisse e tivessem voltado àquelles tempos em que as mais grosseiras pasquinadas se escreveram, para gaudio das galerias, espadanando lódo e lama que para sempre emporecariam o trono e os partidos que o servem, não poupando mesmo a honra da família real.

Advogados de uma causa perdida, deve vir-lhes daí a desorientação em que os vemos e que ameaça ter como consequência a repetição do caso dos grilos do padre Patagónia.

E se isto é assim, agora que a monarquia anda lá pelas calçadas gregas, que seria depois, no dia em que ela se tornasse um facto, admitindo a possibilidade de que tal se dê?

Seria o fim do mundo.

Lá se ia a grei, que a gana com que estão uns aos outros promete levá-los à guerra de extermínio. Que grandes ratões!

E são estes cavalheiros que se gabam de pregar moralidade.

## Indignação... toleravel

O «Comércio» numa local intitulada «Pólvora baixa» todo se fuzurge por nós falarmos em D. Manuel e ceroulas sujas, como se a pessoa Augusta de S. Magestade não seja acessível a fraquezas... ou não se componha de carne e osso!

Admira-nos tanta indignação, embora toleravel, porquanto não é de extranhar que aos vinte annos, pouco mais ou menos, Sua Alteza se amedrontasse com o pupão — Rotunda — e tivesse saído a roupa branca.

Pela pressa com que se dirigiu a Ericoirá, saltou para o bote e para o hiate... não causa extranheza a ninguém... nem a própria lavadeira de El-rei, que isso tinha sucedido!...

Ha tantos exemplos...

Agora, referindo-nos a outra parte da local — o medo, lembramos ao presado colega os nomes seguintes: Chaves, Vinhais, Monsanto, Régua e Estarreja.

Finalmente, quanto a considerarmos S. Alteza um *Idolo*, um *Ser Superior*, respondemos que se enganou no número da porta.

A «Razão» não tem disso, pois todos os que a fundaram não são Alfredo Pimentas ou Laboreiros.

Por cá não se aguardam... chorados empregos.

LÊDE E PROPAGAI

«A Razão»

## Funcionalismo e redução

Concordo com a opinião de X emitida no último número de «A Razão». Os quadros dos funcionários estão excedidos e necessário se torna a sua redução.

Como? mandando os funcionários republicanos para a rua? E' um contra-senso.

Um Estado republicano só pode ser bem servido por republicanos.

Portanto, os primeiros a sair são os funcionários monárquicos.

Estes servem-se dos seus logares para fazer propaganda monárquica e em tudo prejudicar a boa-marcha dos negócios do Estado.

A sua acção é nociva e funesta.

Nesta cidade, ha muitos funcionários monárquicos: no Liceu na Escola Industrial, na Tesouraria de Finanças, etc., etc.

A redução, a dar-se, deve começar por elles e, muito principalmente, por aquêles que, sendo monárquicos, fizeram *falsas adesões* ás instituições republicanas.

Um monárquico declarado merece a minha consideração; um monárquico pintado de verde e vermelho causa-me repulsa, é um mixto de sapo e víbora.

Repito: Um Estado republicano só pode ser bem servido por republicanos.

Por todos? Não. Por aquêles que dêem provas de competência, honestidade e zelo pelos serviços públicos.

Que a República se defenda dos *bons* republicanos, tanto como dos *falsos adesivos* monárquicos.

Karl.

## Força de expressão

Tocando a sanfona do problema religioso, vem o sr. Almacave com este bocadinho de prosa que vale ouro de lei: o regime tem queimado o amor nacional que tão profusamente sabiam ministrar esses santos pastores das almas (os das ordens religiosas) que uma vida de pobreza só conheciam para arrastar, numa modestia que só elles sabiam amar.

O *parentesis* é cá da casa, o resto é de Almacave.

Então não querem vêr este cavalheiro a defender a pobreza e a modestia do clero regular?...

Ou é cego ou faz dos outros cegos. As ordens religiosas vivendo uma vida de pobreza, nos tempos em que foram expulsas, isto só entra na cabeça de um pobre de espirito.

E o *amor nacional* que tão profusamente sabiam ministrar, esse deve ser o mesmo amor pátrio que as leva à baixa intriga com que não perdem ocasião de nos amesquinhar perante o estrangeiro.

Amor nacional em ordens religiosas, isso é força de expressão, mormente se se tratar de certa seita a que por certo Almacave pertence.

## Mas, acabou-se ainda as Festas Nicolinas

Ali do alto daquêl Calvário que é o «Gil Vicente», para quem o lê, grita Almacave a raça e a grei:

Regenerai-vos. Encaminhai vossos passos para a monarquia, não para a das liberdades, mas para a outra, para a do cacete nodoso e da força humilhante.

E' claro que elle não diz que a monarquia que lhe dá no goto é a do cacete e da força. Não o diz, mas vem a dar na mesma.

A monarquia que o sujeito quer, é com certeza a *miguelista*, com cacetes, força e autos de fé à mistura.

Isso é que eram tempos...

O rei, a rainha, os cortesãos e o funcionalismo, tudo de grande gala em volta da fogueira e lá em cima, a espernear na corda gordurosa da força, o vilão condenado por mojar dos tiranetes que em nome de Deus ou do rei cometiam os crimes mais repugnantes, as servicias mais tórpes.

Isso é que eram tempos...

E as masmórras cheias de... escravos e os conventos cheios de donzelas!... Isso é que era!

Era bom, era; mas acabou-se. E a gente a tomá-los a sério...

## Assuntos administrativos

Soubemos que o sr. Administrador do Concelho não se tem poupado a esforços para conseguir o que a cidade e o concelho necessitam.

Pelo o que respeita a *polícia*, somos informados de que S. Ex.ª já a requisitara, tendo, no entanto, esbarrado com a falta de verba que a Câmara diz não ter para pagamento das respectivas ajudas de custo.

Quanto a *subsistencias*, informam-nos tambem de que S. Ex.ª pediu autorisação à Direcção Geral para exercer mais eficaz fiscalização no que diz respeito à saída dos géneros de primeira necessidade; que vai procurar entrar em negociações com os principais industriais desta cidade a fim de lhes propôr a compra de milho, a preço módico, visto a Câmara parecer não de-sejar assumir essa responsabilidade; finalmente, que iniciará muito em breve as rusgas pela cidade a fim de fazer cumprir a lei no que diz respeito a encerramento de tabernas.

## Como o era e não era

A Empresa Luís do Souto que a sacrificios se não tem poupado para poder trazer à nossa terra companhias boas, como esta última do Alves da Cunha-Berta Bivar; que tem procurado firmar novos contractos com outras companhias, não desejando lucros mas sim proporcionar à população de Guimarães horas de verdadeira arte, extranha, e com razão, que gente culta, à *semelhança do era e não era*, queira tornar caro o *peixe*, ou seja o mesmo que dizer, eu vou... se me pedires por muito favor. E não contentes com esta attitude ainda dizem:

—O quê, a companhia? Isso não presta para nada. Ferreira da Silva, Chabi, Aura, Adelina e Alves da Cunha são uns incompetentes. Bom, os reiseiros de Ribeirão ou os protagonistas do «Zé do Telhado».

## CARTEIRA

Acompanhado de sua Ex.ª Esposa encontra-se entre nós o nosso presado amigo e corrigidor, Dr. Alvaro de Magalhães.

—Parte dentro em breves dias para Gaminha, o nosso presado amigo, sr. P.º Manuel de Freitas, onde se demorará alguns dias em visita a S. Ex.ª Mãe.

—Continua gravemente enfermo a esposa do nosso presado amigo e habil dentista sr. Francisco Jacinto.

Assinaí a «A Razão»



**A' GUIZA  
de RESPOSTA**

**As Escólas  
Primárias Superiores**

Para responder nos devidos termos ao sr. David Braga necessário era, primeiro, que a «Razão» fosse vasadoiro de imundicies, segundo, que eu tivesse frequentado a escola que o mesmo sr. frequentou. Não a Primária ou a Primária Superior, mas a outra escola, aquela que tem por bancos as pedras das ruas e por conhecimentos o dirigir chufas a quem passa e atirar pedradas aos colegas.

Sr. David Braga, não sei se percebe. Mas vai mais claro. Como nunca foi garoto de rua ou de esquina, não sei responder a... «E acabou se».

Se quiser porém continuar a insultar-me e a ferir-me a dignidade, faça-se representar por quem tenha elementos sérios de defesa. Ha certos correctivos que não se podem dar a senhoras nem a... aleijados.

—Ao jornal «Ecos de Guimarães» me dirijo agora.

Na secção «Ridendo» tenho atacado, por vezes violentamente, os seus artigos e as suas idéas. Nunca o «Ecos» se defendeu, nunca me rebateu ou tentou rebater.

¿Serve-se agora dum inconsciente que me insulta para me ferir? ¿Delega num pobre povo, que usa linguagem de trapos, a sua vingança contra o que aqui escrevo?

O «Ecos de Guimarães» ou melhor o «Equus», como o crismei, faz-me lembrar certas comadres que mandam pelos filhos atirar pedras ás portas dos outros.

Eu faço a justiça de acreditar que qualquer colaborador culto e educado do «Ecos» nunca assinaria aquela nojentissima collecção de insultos do sr. David Braga, nem sequer lhe permitiria a publicação.

Mas como o agravo é feito ao Lédecé, o autor do «Ridendo» que tanto tem martelado certos artigos e certos colaboradores do «Equus», estou mesmo a vêr que quem lá manda esfregou as mãos, ou lá o que é, de contente ao lêr a prosa insulsa do das «Visões».

Pois se não tem outro processo de defesa, esse bem triste é.

Sr. Director do «Ecos de Guimarães», não é assim que deve presar a honra do seu jornal, nem o crédito, dos seus ideais.

Não é atirando-me com a lama da rua que qualquer creança se lembra de apanhar e levar-lhe que se responde a adversários. A lama enlameia sempre quem a atira e nunca chega ao ponto visado.

Mas enlameia muito mais aqueles que como o «Equus» se servem da imbecilidade, da ignorancia e da impudencia. Sim porque o «Equus» permite nas suas colunas insultos injustificados, alusões indignas.

E' assim que o sr. Director

Por nos ter sido pedido, publicamos o seguinte manifesto sobre as Escólas Primárias Superiores:

E' trivial ouvir-se a ilustres pontífices de café formular tendências acusações contra as Escólas Primárias Superiores, cujo êxito desconcerto os seus ferozes adversários, que não ouzamos alcançar de pensadores pela razão simples de que, bem ao contrario, eles é que recebem o penso.

O seu ódio vesgo a uma das melhorés (se não a melhor) obras da Republica dos últimos tempos leva esses filósofos baratos ao ponto de negarem a utilidade destes estabelecimentos de ensino.

Não é para estas criaturas, cuja penúria mental sinceramente deploramos, que se escreve este pequeno artigo, mas para aquelas pessoas de boa-fé a quem não sobra tempo para se occuparem do estudo da organização do ensino popular nos países cultos.

As Escólas Primárias Superiores foram criadas em França, pela lei de 28-6-1833, da iniciativa de Guizot.

Esta lei foi decalcada sobre a legislação da Prússia, onde já existia o ensino primário superior, que tem merecido á Terceira República Francêsa especiais cuidados e cuidados, tendo sido criadas, em 1909, as secções técnicas.

Na Suécia, foram estabelecidas as Escólas Primárias Superiores em 1882, sendo frequentadas por cerca de 120 mil alunos.

O sistema da educação popular da Noruega e da Dinamarca é idéntico ao da Suécia.

A Itália remodelou, em 1895, a sua organização de instrução primária, instituindo-se Escólas Primárias Superiores em todos os municípios de mais de 4.000 habitantes.

Entre nós, o grande Alexandre Herculano escrevia «em 1841»:

«A criação das Escólas Primárias Superiores é uma necessidade do século»; «urge que

do «Equus» quer inutilisar o Lédecé?

Mas a «Razão» já inutilisou o L. de S., o Bentinho, e não desceu á vilania do insulto. Fê-lo como devia. Agora comigo não faz assim. Serve-se dum garotice. ¿Isso é que é jornalismo? Ora bolas, milhentas bolas.

LÉDECÉ.

essas escolas se instituíam... e dê-se ás multidões a instrução que elas exigiriam talvez á força se não ignorassem a importancia dela para a futura felicidade de seus filhos».

O ilustre pedagogista sr. dr. Alves dos Santos diz que «a falta deste ensino entre nós constituiu uma inqualificavel lacuna que, apesar de antigas e persistentes reclamações, jamais se conseguiu acumular, porque os governos da monarchia se obstinavam em nem sequer formular (quando mais em resolver) o problema da educação nacional».

\* \* \*

O sr. dr. Carneiro de Moura («A instrução educativa e a organização geral do Estado») foi um dos defensores mais entusiastas do estabelecimento, em Portugal, deste ramo de ensino primário, o mesmo se podendo dizer do distinto publicista sr. Antonio Sérgio.

Como se vê, o legislador, ao criar as Escólas Primárias Superiores, inspirou-se não só nos incontestaveis beneficios que elas já haviam produzido nos países mais cultos da Europa, como também na lição dos mais eminentes escritores e pedagogistas nacionais.

Não foi, pois com o proposito mesquinho de atender ás solicitações das clientelas partidárias mas para dar satisfação a uma imperiosa necessidade nacional, que o ensino primário superior se implantou em Portugal.

Mas — e disso nos iamos esquecendo lamentavelmente — as Escólas Primárias Superiores tem um insanavel vicio de origem: foram criadas pela Republica e os seus professores são, «na sua grande maioria», infectiveis republicanos...

\* \* \*

Os censores das Escólas Primárias Superiores ainda costumam aludir ao que elles chamam a «pavorosa incompetencia» do corpo docente destas escolas.

Permitam-nos que só façamos a demonstração da competencia dos professores das Escólas Primárias Superiores depois de os seus rancorosos acusadores terem provado que estão á altura de apreciar o valor profissional daqueles.

Emquanto esta prova não for feita, reservamo-nos o direito de os considerar como despreziveis maldizentes.

(Da «Democracia do Lima», de 7-8-1921.)

**SHELL**  
Gasolina  
Petroleo  
e Oleos

**ASSUNTOS COLONIAIS**

No momento actual, em que todos os paizes tratam de firmar o seu credito e reabilitar as suas forças exauridas por uma porfia lucta de alguns anos, satisfaz-nos verificar que em Portugal, dentre as multiplas questões a resolver, que no campo politico, quer no economico, alguns factos resaltam a demonstrar uma notavel tendencia para o re-urgimento. Um desses factos é constituido pela nova orientação dada ao regime administrativo das nossas colonias do continente africano.

O problema foi, emfim, olhado com aquele carinho e atenção que as tradições de paiz colonisadora, nos impunham. E a verdade é que se tem produzido muito em dois anos de trabalho pratico e efectivo, do que muitos anos de teoria verbosas.

Tem sido a provincia de Angola a que mais tem beneficiado como este novo regime, mercê de variadissimas circunstancias, entre elas, a forma intelligente como o general Norton de Matos tem sabido desempenhar o seu cargo de Alto Comissário.

Homem afeito ao trabalho, concededor como poucos de assuntos coloniais e habituado a enfrentar as responsabilidades de grandes empreendimentos, ele conseguiu em pouco tempo transformar a provincia de Angola, de vasadoiro dos indese-

javeis da Metropole, em vasto campo aberto a todas as iniciativas de trabalho util para o bem-estar geral.

Ao encontrar desta acção superiormente dirigida, tem vindo a acção particular juntar os seus esforços, e desta conjugação de energias só devemos esperar altos beneficios para o paiz.

Lemos ha pouco os três volumes de propaganda editados pela Sociedade Agricola Industrial de Angola, Lda., e devemos confessar em abono da verdade, que essa leitura nos deixou a melhor impressão.

Trata-se de um empreendimento que alia a sua feição economica um provado intuito patriótico, e nestes tempos em que predomina os baixos interesses sem ideais, é-nos grato podermos registar a formação dessa empresa, de propositos tão alevantados.

Esta Sociedade que ha dois anos vem preparando as bases duma exploração agricola e industrial nos terrenos que possui no Quanza Sul e Planalto de Malange, está hoje tratando activamente da sua financiamento, que, estamos certos, terá um bom acolhimento da parte de todos aqueles que se interessam pelo desenvolvimento e aproveitamento das nossas riquezas coloniais.

**MUTUALIDADE GERAL DE SEGUROS**

SÉDE EM LISBOA

6 -- Rua do Largo do Corpo Santo -- 6, 3º

INSCREVENDO-SE

NA

**Mutualidade Geral de Seguros**

O patronato coloca-se a coberto de todas as responsabilidades da lei de desastres no trabalho, a troco dos menores encargos.

**LUCROS DIVIDIDOS POR TODOS OS SEGURADOS :  
QUE SERÃO NO MESMO TEMPO SÓCIOS DA EMPRESA**

Director-Delegado em Guimarães:

**Miguel Antonio Neves Janeiro.**

Ex.<sup>mo</sup> Sr.